



O Ciclo de Vida das Firms e Seu Impacto no Emprego: O Caso Brasileiro 1995/2000

SHEILA NAJBERG
FERNANDO PIMENTEL PUGA*

RESUMO Baixa taxa de sobrevivência, mas papel fundamental na criação de postos de trabalho: esta parece ser a fisiologia das firmas de menor porte no organismo básico do desenvolvimento econômico brasileiro. Este estudo contribui para explicitar as engrenagens que movimentam a geração e manutenção do emprego ao analisar a dinâmica de criação, fechamento e sobrevivência de firmas no Brasil no período 1995/2000.

ABSTRACT Recent data show that, in Brazil, small firms have a low rate of survival. At the same time, they seem to play a crucial role in the process of job creation. In order to better understand the mechanisms of job creation and job maintenance in the Brazilian economy, this paper analyzes the dynamics of birth, closing and survival of Brazilian firms between 1995 and 2000.

* Respectivamente, gerente executiva de Emprego e E-Gov e economista do BNDES. Os autores agradecem a colaboração de Paulo André de Souza de Oliveira, consultor em estatística da Datamec/Unisys.

1. Introdução

Anualmente, um conjunto expressivo de firmas encerra suas atividades e um número significativo de unidades é criado. Embora essa rotatividade ocorra até nas grandes firmas, ela é bem mais comum nas de menor porte. Estas últimas enfrentam maiores dificuldades em decorrência de fatores tais como: inexperiência ou falta de planejamento por parte do empresário; incertezas quanto à demanda do produto (no caso de novas firmas); e baixa capitalização. Com isso, ficam mais vulneráveis a oscilações na economia e apresentam uma taxa de sobrevivência menor, especialmente nos primeiros anos de atividade. Essa fragilidade dificulta a obtenção de financiamentos, agravando ainda mais o quadro acima.

Por outro lado, as firmas de menor porte respondem pela grande maioria de unidades criadas a cada ano. Isso é observado em diversos países. De acordo com Acs (1999), as pequenas firmas formam o mecanismo essencial através do qual milhões de pessoas ingressam na economia e no *social mainstream* da sociedade americana.

O conhecimento dessa dinâmica no Brasil ainda é bastante reduzido. Em particular, o presente estudo pretende contribuir para esclarecer as seguintes questões:

- Qual o ciclo de vida das firmas no País e quando foram criadas as unidades hoje em atividade?
- O número de firmas que iniciam suas atividades supera o de firmas que fecham? A dinâmica de sobrevivência das firmas difere por porte e/ou por setor de atividade?
- Tem havido crescimento no número de trabalhadores formais? As firmas de menor porte são realmente as principais criadoras de emprego?

Além da Introdução, o estudo possui cinco seções. A Seção 2 descreve a base de dados utilizada. A Seção 3 analisa a composição das firmas e do emprego em 2000. A Seção 4 analisa a dinâmica de criação, fechamento e sobrevivência de firmas e postos de trabalho. A Seção 5 concentra-se no estudo das firmas nascidas em 1996. Em particular, calcula-se a taxa de sobrevivência ao longo dos quatro primeiros anos de atividade por porte e setor, a criação de emprego e as mudanças de porte nessas unidades. A Seção 6 apresenta as conclusões do estudo.

2. Base de Dados

Os dados deste estudo foram obtidos a partir do Cadastro de Estabelecimentos Empregadores (CEE), de maio de 2002, do Ministério do Trabalho e Emprego, que toma por base a Rais (Relação Anual de Informações Sociais), um questionário respondido anualmente em caráter compulsório pelas firmas do mercado formal. Esse questionário contém informações sobre os vínculos empregatícios formais em cada estabelecimento, ao final de cada ano.¹ Neste estudo, somente foram consideradas as firmas empregadoras, ou seja, aquelas que ao longo do ano tinham trabalhadores.² A menor importância econômica dos estabelecimentos sem nenhum registro de vínculo empregatício, embora tenham representado 57% das firmas formais existentes no País em 2000, justifica a escolha.

As informações analisadas cobrem o período de dezembro de 1995 a dezembro de 2000. O ano de 1995 é o primeiro a partir do qual é possível analisar as firmas por setor, devido a mudanças na classificação das atividades econômicas. O ano de 2000 é o último para o qual há informações disponíveis. Para efeito de cálculo da taxa de sobrevivência, tomou-se como base as firmas nascidas em 1996. Estas foram consideradas como aquelas que apareciam no CEE de 1996, mas não constavam do Cadastro de 1995. O critério de classificação do porte dos estabelecimentos foi definido em função do número de trabalhadores formais empregados no ano de nascimento da firma: até 19 (micro), 20 a 99 (pequenos), 100 a 499 (médios) e mais de 500 (grandes). Em função do enorme contingente de microfirms, esse segmento foi subdividido em dois: firmas de 0 a 4 empregados e firmas de 5 a 19 empregados. Tal separação deve-se também ao fato de terem sido observadas características bastante distintas entre esses dois grupos.

3. Composição das Firms e do Emprego em 2000

Ao final de 2000, de um total de 2,2 milhões de firmas empregadoras existentes, 99,8% eram micro, pequenas e médias firmas (MPMES) – até 499 empregados –, sendo que 92,8% eram micro, e apenas 0,2% eram de grande porte. As MPMEs respondiam também pela maior parte do número

1 O mercado informal de trabalho, no qual estão cerca de 49% das pessoas ocupadas do País, segundo o Censo Demográfico de 2000, não é abordado neste estudo por não constar dos registros da Rais.

2 Ao longo deste estudo, vínculo empregatício, posto de trabalho e emprego serão usados indistintamente. Apesar de uma pessoa poder estar vinculada a mais de um posto de trabalho, essa simplificação não afeta significativamente os resultados.

de postos de trabalho. De um total de 26,2 milhões de empregos, 66,2% estavam alocados nessas unidades. Por outro lado, cerca de cinco mil firmas de grande porte respondiam pelo emprego de 8,9 milhões de trabalhadores. A Tabela 1 mostra essa composição.

A divisão das firmas e dos trabalhadores formais em 2000 reflete ainda o padrão de industrialização das décadas anteriores: poucas firmas empregam grande parte dos trabalhadores. O crescimento mais expressivo do emprego nas unidades de menor porte caracteriza anos mais recentes [Najberg *et alii* (2002)]. A abertura comercial dos anos 1990, ao impor padrões de competitividade mais rigorosos, obrigou as firmas a se reestruturarem, seja através da utilização de tecnologias mais modernas, poupadoras de mão-de-obra, seja através de novas formas de organização, entre as quais destaca-se a terceirização. A consolidação da política antiinflacionária do Plano Real, ao aumentar o poder de compra da população, também contribuiu para o surgimento de um conjunto expressivo de unidades de menor porte, especialmente nos setores de comércio e serviços.

TABELA 1

Composição das Firms e do Emprego Formal – 2000

(Por Porte)

	FIRMAS		EMPREGO	
	Nº (Mil)	%	Nº (Mil Trab.)	%
Micro (0-19 empregados)	2.059	92,8	6.927	26,4
Micro (0-4 empregados)	1.554	70,0	2.450	9,3
Micro (5-19 empregados)	505	22,8	4.477	17,1
Pequenas (20-99 empregados)	129	5,8	5.090	19,4
Médias (100-499 empregados)	26	1,2	5.353	20,4
Grandes (mais de 500 empregados)	5	0,2	8.855	33,8
Total	2.220	100,0	26.225	100,0

4. Dinâmica de Criação, Fechamento e Sobrevivência de Firms e Postos de Trabalho

Dinâmica das Firms

Dentre os 2,2 milhões de firmas existentes ao final de 2000, mais da metade (1,2 milhão) tinha menos de cinco anos de atividade. A Tabela 2 analisa a idade das firmas brasileiras em 2000, diferenciando os dados por porte. A

TABELA 2

Composição das Firms Brasileiras – 2000

(Por Idade e Porte)

IDADE	NÚMERO DE FIRMAS (Mil)	PORTE DAS FIRMAS (%)					Total
		Micro		Pequenas	Médias	Grandes	
		(0-4)	(5-19)	(20-99)	(100-499)	(500 +)	
Até 1 ano	334	17,9	9,1	7,0	5,4	3,4	15,1
de 1 a 2 anos	268	13,6	9,1	7,5	5,4	4,3	12,1
de 2 a 3 anos	217	10,7	8,1	6,8	5,1	4,5	9,8
de 3 a 4 anos	212	10,1	8,6	7,1	5,3	3,2	9,5
de 4 a 5 anos	174	8,1	7,5	6,2	4,9	4,4	7,8
Menos de 5 anos	1.206	60,4	42,4	34,6	26,2	19,9	54,3
Mais de 5 anos	1.014	39,6	57,6	65,4	73,8	80,1	45,7
Total	2.220	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

participação das firmas mais jovens é maior nas unidades com menor número de trabalhadores. Do conjunto de unidades em funcionamento em 2000, 60,4% das micro (0-4 trabalhadores) e somente 19,9% das grandes surgiram após 1995.

A concentração de unidades novas nos estabelecimentos de menor porte pode ser explicada tanto por menores taxas de sobrevivência, quanto por percentuais proporcionalmente maiores de nascimentos nas firmas de menor porte. A Tabela 3 mostra a dinâmica de nascimento, fechamento e sobrevivência de firmas no período 1995/2000. De um total de 1,2 milhão de microfirms (0-4 trabalhadores) existentes em 1995, apenas 631 mil (51,4%) continuavam operando em 2000. No caso das grandes firmas, de um conjunto inicial de cinco mil unidades em atividade, 4,2 mil (83,5%) estavam ativas em 2000.

Em relação às firmas nascidas no período 1996/2000, 1,4 milhão de microfirms (0-4 trabalhadores) foram criadas entre 1996 e 2000, representando 83,7% dos nascimentos no período, contra 959 novas grandes (apenas 0,06% do total). Os fechamentos de firmas foram também proporcionalmente maiores nas unidades de menor porte (89,0% das firmas fechadas eram micro com até quatro trabalhadores, contra 0,02% de grandes). O resultado de nascimentos e fechamentos revela que as unidades de menor porte são amplamente responsáveis pela criação líquida de firmas (81,6% – micro com até quatro trabalhadores contra 0,07% – grandes).

TABELA 3

Dinâmica de Nascimento, Fechamento e Sobrevivência das Firms

	MICRO		PEQUENA	MÉDIA	GRANDE	TOTAL
	0-4	5-19	20-99	100-499	500+	
Firmas Existentes em 1995	1.228.610	390.604	112.254	25.172	5.014	1.761.654
Firmas fechadas – 1996/2000	-597.361	-114.922	-28.893	-5.404	-825	-747.405
Firmas Vivas até 2000	631.249	275.682	83.361	19.768	4.189	1.014.249
Firmas Nascidas entre 1996 e 2000	1.407.007	224.832	41.656	6.469	959	1.680.923
Firmas Fechadas – 1996/2000	-422.992	-43.370	-7.594	-1.176	-111	-475.243
Firmas Vivas até 2000	984.015	181.462	34.062	5.293	848	1.205.680

Obs.: Para efeito de comparação, o porte considerado nas firmas ativas em 2000 corresponde ao porte em 1995 ou no ano de criação.

Dinâmica do Emprego

A Tabela 4 analisa o ano de criação dos postos de trabalho em 2000. Em contraste com o que ocorre com o número de firmas, a imensa maioria dos postos de trabalho existentes foi criada há mais de cinco anos (70,1%). Dos 26,2 milhões de postos em 2000, 18,4 mil existiam em 1995, a maioria em firmas de maior porte.³ Assim como na análise das firmas, a duração dos postos de trabalho é substancialmente menor nas firmas com porte reduzido. De fato, enquanto nas microfirms (0-4 trabalhadores) 53,6% dos postos existentes em 2000 haviam sido criados entre 1996 e 2000, tendo menos de cinco anos de idade, apenas 16,5% dos postos das grandes foram originados nesse período.

Mas será que a baixa idade dos postos de trabalho nas firmas de menor porte deve-se a uma elevada destruição de postos antigos, ou reflete principalmente uma forte criação de emprego nessas firmas? A Tabela 5 revela que a segunda hipótese representa melhor a realidade dos fatos. Considerando-se os postos de trabalho existentes em 1995, apenas houve variação positiva no emprego no conjunto das microfirms (0-19 trabalhadores) que continuaram ativas em 2000. Nessas unidades foram criados 950 mil novos

3 A existência de um posto de trabalho por determinado período de tempo não implica que este venha sendo ocupado pelo mesmo trabalhador. A questão da estabilidade do empregado não é abordada neste estudo.

TABELA 4

Distribuição do Emprego Formal nas Firms Brasileiras – 2000

(Por Idade e Porte)

IDADE	NÚMERO DE POSTOS (Mil)	PORTE DAS FIRMAS (%)					Total
		Micro		Pequenas	Médias	Grandes	
		(0-4)	(5-19)	(20-99)	(100-499)	(500 +)	
Até 1 ano	1.659	9,6	8,6	7,2	5,7	3,2	6,3
de 1 a 2 anos	1.763	10,6	8,7	6,7	4,8	4,7	6,7
de 2 a 3 anos	1.479	10,7	7,7	5,8	4,0	2,8	5,6
de 3 a 4 anos	1.440	11,6	8,1	5,9	3,4	1,9	5,5
de 4 a 5 anos	1.488	11,1	6,9	5,3	3,2	3,9	5,7
Menos de 5 anos	7.830	53,6	40,1	31,0	21,2	16,5	29,9
Mais de 5 anos	18.395	46,4	59,9	69,0	78,8	83,5	70,1
Total	26.225	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

TABELA 5

Sobrevivência das Firms: Impacto no Emprego no Período 1996/2000

(Mil Trabalhadores)

	MICRO		PEQUENA	MÉDIA	GRANDE	TOTAL
	0-4	5-19	20-99	100-499	500+	
Postos de Trabalho em 1995	1.913	3.497	4.496	5.139	8.690	23.736
Postos Eliminados nas Firms Fechadas entre 1996 e 2000	-753	-1.015	-1.134	-1.062	-1.246	-5.210
Variação no Emprego nas que Continuaram Ativas em 2000	722	228	-17	-233	-830	-130
Variação Total no Emprego	-31	-787	-1.151	-1.294	-2.076	-5.340
Postos de Trabalho no 1º Ano nas Firms Criadas entre 1996 e 2000	1.953	1.905	1.602	1.270	1.489	8.218
Postos Eliminados nas Firms Fechadas entre 1997 e 2000	-454	-364	-291	-220	-126	-1.455
Variação no Emprego nas que Continuaram Ativas em 2000	673	275	192	-14	-58	1.067
Variação Total no Emprego	219	-89	-99	-234	-184	-388

postos, enquanto nas unidades de grande porte em funcionamento no período 1995/2000, observou-se a eliminação de 830 postos de trabalho. Os números correspondentes à variação no emprego, no período 1995/2000, das firms existentes em 1995 (incluindo aquelas que fecharam) mostram uma queda ínfima no número de postos nas microfirms com até quatro

trabalhadores (-31 mil postos) quando comparada com a ocorrida nas firmas grande porte (-2,1 milhões de postos).

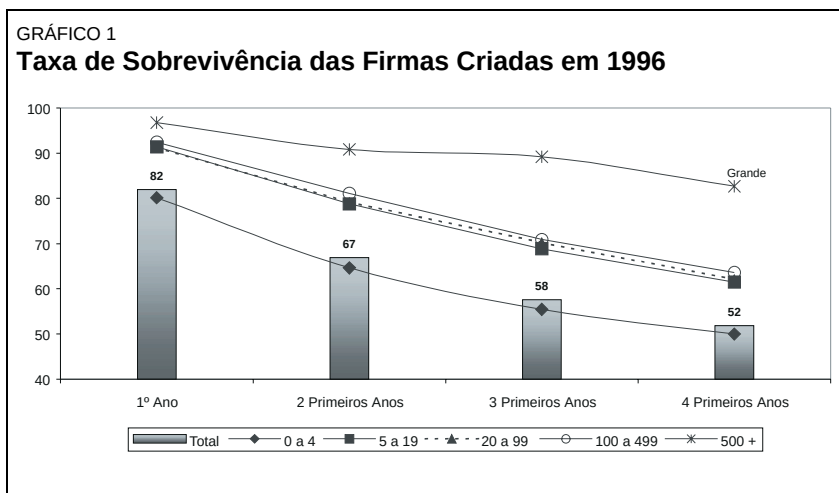
No caso das firmas recém-criadas – aquelas surgidas entre 1996 e 2000 –, o contraste entre as firmas de menor porte e as grandes é ainda mais nítido. As microfirms (0-19 trabalhadores) que fecharam eliminaram 818 mil postos de trabalho, as que continuaram em atividade contrataram 948 mil trabalhadores. O resultado da dinâmica da criação e fechamento dessas unidades converteu-se em uma criação líquida de 130 mil postos de trabalho. Nas grandes houve uma queda de 184 mil postos. Quando se concentra a análise nas firmas que continuaram ativas em 2000, vemos que somente nas micro e pequenas houve um aumento na quantidade de postos nos anos seguintes à criação da firma. As médias e grandes empresas recém-criadas contratavam, em 2000, menos trabalhadores do que à época do seu início de atividade.

5. Sobrevivência dos Estabelecimentos Nascidos em 1996

Uma outra alternativa para se estudar a dinâmica de sobrevivência consiste em focar a análise nas firmas criadas em determinado ano, verificando quantas permaneceram em atividade nos anos seguintes, como foi a criação de empregos nessas unidades e quantas firmas mudaram de porte nesse período. Para tanto, tomou-se como referência as unidades nascidas em 1996.⁴ Devido a mudanças de cobertura e de classificação setorial na Rais, esse ano serviu como data-base por ser o primeiro para o qual há dados consistentes sobre a criação de estabelecimentos. A última data para a qual há informações disponíveis é dezembro de 2000.

Em 1996, 335,2 mil estabelecimentos foram criados. Ao final de 2000, 52% deles continuavam a existir. Esse resultado é fortemente influenciado pelo expressivo número de firmas com até quatro trabalhadores – 70% do total (ver Tabela 6). O Gráfico 1 mostra as taxas de sobrevivência desagregadas segundo o tamanho das firmas. Essas taxas aumentam com o porte dos estabelecimentos. As diferenças são maiores quando se passa do segmento micro (0-4 trabalhadores) para o micro (5-19 trabalhadores) e quando se muda o porte das unidades de médio para grande. Em suma, é possível

⁴ Foi também analisada a dinâmica de sobrevivência das firmas nascidas após 1996, não diferindo significativamente os resultados em comparação com a dinâmica daquelas criadas nesse ano.



distinguir três grupos de firmas: i) micro (0-4 trabalhadores), com taxa de sobrevivência de 50% nos quatro primeiros anos de atividade; ii) micro (5-19 trabalhadores), pequenas e médias, com taxas ligeiramente acima de 60% (61,5%, 62,1% e 63,6%, respectivamente); e iii) grandes, com uma taxa de sobrevivência de 82,7%.

A taxa de sobrevivência cai mais fortemente nos primeiros anos de existência da firma. Entre as firmas surgidas em 1996, apenas 82% permaneceram em atividade em 1997; enquanto 90% (52%/58%) daquelas que se mantiveram em atividade até 1999 continuaram vivas em 2000. Esse resultado indica que, nos primeiros anos de existência, as dificuldades de uma firma são maiores. Passado esse período, as firmas adquirem maior experiência no seu ramo de atividade, pois tiveram seus produtos testados e aprovados pelo mercado. Na ausência de choques adversos, as incertezas sobre a viabilidade econômica dessas unidades se reduzem com o tempo.

Na Tabela 6, a taxa de sobrevivência das firmas nascidas em 1996 é analisada por porte e macrossetor. Para cada macrossetor, a primeira coluna mostra o número de firmas criadas em 1996 e a segunda apresenta os percentuais dessas que continuavam em atividade em 2000 (quatro anos depois). A taxa foi maior no setor de serviços (56,2%), menor na construção civil (26,1%), enquanto o percentual de sobreviventes na indústria ficou em 51,2%. Os dados desagregados por porte revelam o mesmo comportamento. Independentemente do tamanho do estabelecimento, a taxa de sobrevivência

TABELA 6

Percentual de Firms Sobreviventes em 2000 dentre as Nascidas em 1996

(Por Setor e Porte)

PORTE (NUM. DE TRAB.)	SETORES									
	Indústria		Construção		Comércio		Serviços		Total*	
	Nasc. (Nº)	Sobrev. (%)	Nasc. (Nº)	Sobrev. (%)	Nasc. (Nº)	Sobrev. (%)	Nasc. (Nº)	Sobrev. (%)	Nasc. (Nº)	Sobrev. (%)
0 a 4	24.496	48,2	15.057	22,8	108.666	47,9	98.395	53,7	282.197	50,0
5 a 19	5.935	60,4	4.366	33,4	13.469	60,1	16.321	67,9	43.071	61,5
20 a 99	1.537	59,6	873	41,8	1.945	59,2	3.630	68,6	8.425	62,1
100 a 499	392	63,3	127	44,1	163	58,3	549	69,8	1.280	63,6
500 +	40	75,0	17	64,7	7	85,7	117	87,2	185	82,7
Total	32.400	51,2	20.440	26,1	124.250	49,4	119.012	56,2	335.158	51,8

*Inclui agricultura.

é maior no setor de serviços e menor na construção civil. Este último resultado é explicado, em grande parte, pela criação de um novo estabelecimento sempre que ocorre um investimento em construção civil, em uma determinada localidade e por seu fechamento assim que a obra é concluída.⁵ No Anexo, a Tabela 6 é apresentada de forma mais desagregada.

Analisando-se a sobrevivência das firmas brasileiras pela ótica do emprego, temos que as 335,2 mil firmas criadas em 1996 tinham gerado 1.691 mil postos de trabalho naquele ano. Quatro anos depois, apenas 173,8 mil desses estabelecimentos continuavam em atividade. Contudo, tais firmas contrataram 351 mil trabalhadores adicionais entre 1996 e 2000. Os dados confirmam a importância das firmas de menor porte na geração de emprego, tendo estas respondido pela maior parte desse crescimento de mão-de-obra. A Tabela 7 mostra esta dinâmica: crescimento expressivo do emprego nas unidades de menor porte, com redução nas médias e grandes. No caso das microfirms, o aumento do emprego nas sobreviventes mais do que compensou a redução causada por aquelas que encerraram suas atividades.

Os resultados acima apresentaram crescimento no total do emprego nas firmas de menor porte e redução de postos nas grandes unidades. Será esse resultado consequência de umas poucas empresas que apresentaram grandes alterações de pessoal ou foram tendências dominantes nesses segmentos?

5 Uma análise considerando as empresas e não os estabelecimentos levaria a uma taxa de sobrevivência no setor de construção civil de 43%.

TABELA 7

Sobrevivência das Firms Criadas em 1996: Impacto no Emprego – 1996/2000

(Mil Trabalhadores)

	MICRO		PEQUENA	MÉDIA	GRANDE	TOTAL
	0-4	5-19	20-99	100-499	500+	
Postos de Trabalho em 1996 (335,2 Mil Firms)	381	368	321	250	373	1.691
Variação no N° de Postos – 1996/2000						
Nas 161,4 Mil Firms que Fecharam	-166	-141	-122	-85	-40	-553
Nas 173,8 Mil Firms que Sobreviveram	234	85	60	-6	-22	351
Variação Líquida	68	-56	-62	-91	-62	-203
Postos de Trabalho em 2000 (173,8 Mil Firms)	449	312	259	158	310	1.488

Obs.: Para efeito de comparação, o porte considerado nas firms ativas em 2000 corresponde ao porte no ano de criação.

Para responder esta questão, as firms foram classificadas segundo seu porte em 1996 e calculados os percentuais de unidades que mantiveram, reduziram ou aumentaram suas demandas por trabalhadores. Entendem-se como mudança no número inicial de trabalhadores os aumentos ou reduções superiores a 20% no número de postos no período. No caso das micro (0-4 trabalhadores) esse parâmetro foi estabelecido em 50%.⁶

A Tabela 8, com base nas unidades nascidas em 1996 e que permaneceram em atividade em 2000, mostra que em apenas 44,3% das firms analisadas não houve mudanças significativas de trabalhadores no período. Um percentual maior de firms (36,8%) apresentou aumentos de vínculos empregatícios, em relação ao percentual de unidades em que houve desligamentos significativos de mão-de-obra. Uma análise por porte mostra que as mudanças significativas nas unidades de menor porte foram na direção de aumento no número de postos de trabalho. Por outro lado, nas unidades de maior porte observou-se movimento inverso: um percentual maior de firms enxugando seus quadros de pessoal – a proporção de grandes unidades que encolheram

6 Tais percentuais foram estabelecidos considerando-se a distribuição do emprego nas firms em 1996. No caso das microfirms (0 a 4 trabalhadores) verificou-se que esse segmento apresentava uma média de 1,7 trabalhadores por firma com um desvio-padrão de 0,95 trabalhadores (pouco mais da metade da média). Para todos os demais grupos, o desvio-padrão ficou próximo de 20% da média.

TABELA 8

Mudança de Porte nas Firmas Nascidas em 1996

PORTE EM 1996	PORTE EM 2000 EM RELAÇÃO AO PORTE EM 1996		
	Menor	Igual	Maior
	(%)	(%)	(%)
Micro (0-4 empregados)	14,2	48,6	37,2
Micro (5-19 empregados)	35,0	28,7	36,3
Pequenas (20-99)	42,7	25,0	32,3
Médias (100-499)	45,1	28,1	26,7
Grandes (500 +)	39,6	39,6	20,8
Total	18,9	44,3	36,8

foi quase duas vezes maior do que o percentual que aumentou de porte (39,6% e 20,8%, respectivamente).

Como a fisiologia das firmas nascidas mais recentemente foi semelhante, há indícios de tendência dominante de crescimento no emprego nas firmas menores e um movimento de fechamento de postos de trabalho nas grandes unidades.⁷ Segundo Pastore (2002), três fatores são essenciais para a geração de trabalho: crescimento econômico, qualificação profissional e legislação eficiente. O presente estudo, ao analisar o desenvolvimento econômico recente sugere mais um ingrediente: o papel fundamental das firmas de menor porte na criação de postos de trabalho. Tal resultado, se verdadeiro, ressalta a importância da formulação de políticas públicas que aumentem a sobrevivência dessas unidades. Nesse contexto, a criação de incentivos que minimizem os riscos do sistema financeiro e o induzam a disponibilizar mais crédito para essas firmas terá forte impacto no emprego.

6. Conclusão

O desenvolvimento econômico brasileiro recente se caracterizou pela forte renovação do número de firmas na economia, com uma quantidade expressiva de unidades criadas e fechadas anualmente. A análise dos microdados do Ministério de Trabalho e Emprego revela que, entre as 2,2 milhões de firmas existentes ao final de 2000, um total de 1,2 milhão de unidades não

⁷ Uma análise detalhada das firmas nascidas após 1996 não foi apresentada pela grande semelhança nos resultados.

existia ao término de 1995. As firmas de menor porte foram as principais responsáveis por essa dinâmica. Tanto menores taxas de sobrevivência quanto percentuais proporcionalmente maiores de nascimentos explicam esse resultado.

A análise sob a ótica do emprego revela que a imensa maioria dos postos de trabalho existentes foi criada há mais de cinco anos (70,1%). Dos 26,2 milhões de postos em 2000, 18,4 mil existiam em 1995. Uma investigação sobre os postos surgidos mais recentemente revela a importância das firmas de menor porte. Considerando aquelas que sobreviveram até 2000, apenas nos segmentos das micro e pequenas firmas a variação nos empregos foi positiva.

Para entender com profundidade os mecanismos de sobrevivência das firmas no Brasil, as 335 mil firmas nascidas em 1996 foram acompanhadas nos quatro anos seguintes à sua criação. A análise por porte aponta para a existência de três grupos de taxas após quatro anos de atividades: i) 50% de sobrevivência para as microfirms (até 4 trabalhadores); ii) 62% para micro (com 5 até 19 empregados), pequenas e médias firmas; e iii) 83% para as grandes unidades. O setor de atuação também teve uma importante influência sobre as taxas de sobrevivência das unidades produtivas. Independentemente do porte, foi observada uma taxa de sobrevivência de 56,2% no setor de serviços, 51,2% na indústria, 49% no comércio e apenas 26,1% na construção civil.

Mesmo considerando a baixa sobrevivência das microfirms (até 4 trabalhadores) nascidas em 1996, apenas nestas o aumento no emprego das firmas sobreviventes mais do que compensou a redução ocorrida naquelas que encerraram suas atividades. Nas médias e grandes firmas houve mais desligamentos do que contratações.

Este estudo contribui para mostrar o papel fundamental desempenhado, recentemente, pelas unidades de menor porte na criação de postos de trabalho. Apesar de sua baixa sobrevivência, as firmas de menor porte têm sido relevantes na criação de postos de trabalho. Tal resultado sugere que a formulação de políticas públicas que aumentem a sobrevivência dessas unidades poderá ter forte impacto no emprego. Dado o caráter exploratório do estudo, recomenda-se a realização de outras pesquisas que cubram um período mais longo e que incluam o universo de firmas formais e informais.

Referências Bibliográficas

- ACS, Z. J. The new American evolution. In: ACS, Z. J. (ed.) *Are small firms important? Their role and impact*. U.S. Small Business Administration, 1999.
- AUDRETSCH, D. B. Small firms and efficiency. In: ACS, Z. J. (ed.) *Are small firms important? Their role and impact*. U.S. Small Business Administration, 1999.
- DAVIDSSON, P., LINDMARK, L., OLOFSSON, C. The extent of overestimation of small firm job creation: an empirical examination of regression bias. *Small Business Economics*, v.11, p. 87-100, 1998.
- NAJBERG, S., MORAES, R. M., IKEDA, M. A crescente participação das microfirmas no total de estabelecimentos e no emprego. Rio de Janeiro: BNDES, jan. 2002 (Informe-se, 36).
- NAJBERG, S., PUGA, F. P., OLIVEIRA, P. A. S. *Criação e fechamento de firmas no Brasil: dez.1995/dez.1996*. Rio de Janeiro: BNDES, maio 2000 (Texto para Discussão, 79).
- _____. *Análise da sobrevivência das firmas brasileiras*. Rio de Janeiro: BNDES, ago. 2002 (Informe-se, 46).
- PASTORE, J. *Ingredientes das políticas de emprego: o papel das instituições*. Set. 2002, mimeo.
- SEBRAE. *Sobrevivência e mortalidade das empresas paulistas de 1 a 5 anos*. Sebrae-SP, out. 2001.